

**A repetição na oralidade como um processo metonímico:
um estudo cognitivo-funcional**

Repetition in orality as a metonymic process:
a cognitive-functional study

La repetición en la oralidad como un proceso metonímico:
un estudio cognitivo-funcional

Lorena Oliveira dos Santos

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB/Brasil)
Universidade Federal da Bahia (UFBA/Brasil)

Valéria Viana Sousa

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB/Brasil)

RESUMO

Neste estudo, investigamos um recurso frequentemente utilizado na oralidade: a repetição, compreendendo-a como um mecanismo que auxilia na interação, gerando novos significados. Para tanto, baseamo-nos, sobretudo, nos estudos funcionalistas, em pressupostos da Linguística Cognitiva e em estudos da Linguística Textual. O nosso objetivo foi analisar qualitativamente como os informantes do Português Culto de Vitória da Conquista utilizam a repetição na construção do texto falado. Nesse sentido, elencamos 06 aspectos funcionais:

* **AGRADECIMENTO:** “O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.” Além da Capes, este trabalho foi realizado com o apoio da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – (UESB/Brasil), no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin).

** Sobre o autor, ver página 83-84.

Estudos da Língua(gem)	Vitória da Conquista	v. 17, n. 3	p. 61-84	Jul-set de 2019
-------------------------------	----------------------	-------------	----------	-----------------

DOI: 10.22481/el.v17i3.5830

ISSN versão online: 1982-0534



This work is licensed under a [Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).

Reconstituidora I, Reconstituidora II, Distribuidora, Desdobramento, Paralelização e Intensificadora. Ademais, comprovamos as nossas hipóteses de que a repetição (1) auxilia na condução do tópico discursivo a partir de seus aspectos funcionais; (2) é um processo metonímico; e (3) é um processo que possibilita a organização da experiência humana, chegando ao âmbito textual por meio dos atos de fala e produzindo, cognitivamente, estruturas linguísticas dispostas em camadas.

PALAVRAS-CHAVE: Repetição. Oralidade. Funcionalismo. Cognição.

ABSTRACT

In this research, we investigated a resource that is often used in the orality: the repetition, which is comprehended as a mechanism that helps in the interaction, generating new meanings. For this purpose, we based our research, especially, on the functionalist studies, on the postulates of Cognitive Linguistics and on the studies of Text Linguistics. In this work, we aimed at identifying how speakers, who have high schooling level and are from Vitória da Conquista (through the Corpus PCVC), use the repetition in the construction of the spoken text. We catalogued six micro-structuring functions: Reconstituidora I, Reconstituidora II, Distribuidora, Desdobramento, Paralelização and Intensificadora. In the qualitative study, we attested that the repetition is an important resource for keeping and conducting the discursive topic. We also attested that the repetition is constituted as a metonymic process. In conclusion, the repetition is a process that makes possible the organization of the human experience, reaching the textual scope by means of speech acts and producing, cognitively, linguistic structures in layers.

KEYWORDS: Repetition. Orality. Functionalism. Cognition.

RESUMEN

En el presente estudio, investigamos un recurso frecuentemente utilizado en la oralidad: la repetición, comprendiéndola como un mecanismo que auxilia en la interacción, generando nuevos significados. Para tanto, nos basamos, sobre todo, en los estudios funcionalistas, de la Lingüística Cognitiva y en estudios de la Lingüística Textual hechos por Marcuschi (2015). Nuestro objetivo era analizar cualitativamente como los informantes del Portugués Culto de Vitória da Conquista – Corpus PCVC – utilizan la repetición en la construcción del texto hablado. En ese sentido, apuntamos 6 aspectos funcionales: Reconstituidora I, Reconstituidora II, Distribuidora, Desdoblamiento, Paralelización e Intensificadora. Además, demostramos nuestras hipótesis de que la repetición (1) auxilia en la conducción y manutención del tópico discursivo a partir de sus aspectos funcionales; (2) es un proceso metonímico; y (3) es un proceso que possibilita la organización de la experiencia humana, llegando al ámbito textual por medio de los actos de habla y produciendo, cognitivamente, estructuras lingüísticas dispuestas en capas.

PALABRAS-LLAVE: Repetición. Oralidad. Funcionalismo. Cognición.

1 Introdução

Imaginemos um professor que tenha duas turmas do sexto ano e que, em ambas, ele tenha que explicar o mesmo conteúdo. Como estratégia, esse docente poderá planejar apenas uma aula e repeti-la nas duas classes. Provavelmente, ainda que o assunto e o planejamento sejam os mesmos, a aula será ministrada de maneira diferente, o que equivale dizer que repetir não é dizer o mesmo. Essa parece apenas uma situação isolada, mas, diariamente, participamos de diálogos e nem nos damos conta do quanto utilizamos o recurso da repetição. Se pesquisarmos em um dicionário, o verbete *repetição* estará definido como ato ou efeito de repetir ou, ainda, como um erro tipográfico que consiste em duplicar palavra(s) ou frase(s). Por conseguinte, se pesquisarmos o que significa o verbo *repetir*, encontraremos, entre outros significados, que é *voltar a dizer, a fazer, a escrever, a usar* etc. (cf. HOUAISS, 2009).

Oliveira (1998) advoga que, na oralidade, a repetição é um mecanismo que auxilia na interação, de modo que o falante, ao retomar um termo anteriormente citado, “[...]faz avançar a significação inicial, concorrendo para a dinâmica da significação e da formalização na conversação temática” (OLIVEIRA, 1998, p. 12). Isto é, cada item repetido, independente da alteração de sua forma, é uma nova ocorrência que ajuda no desenvolvimento do diálogo. Assim, a repetição é uma ferramenta multidirecional, já que exerce duplo papel: é anáfora, enquanto recorrência da mesma forma, e catáfora conceptual, enquanto renovação de significados. Esse conceito de repetição dialoga com a definição postulada por Marcuschi (2015), pois, para ele, a repetição é a realização de segmentos textuais idênticos ou semelhantes, no plano de um mesmo evento comunicativo, destacando que repetir não é dizer o mesmo, porque há diferença entre repetir a mesma forma e o mesmo conteúdo. Na oralidade, o discurso é construído de maneira dinâmica por interlocutores que, motivados por pressões de natureza pragmática e cognitiva, utilizam recursos de um texto relativamente planejado. Essa dinamicidade é desenvolvida mediante uma troca de turnos, sendo que um turno, de alguma maneira, é produzido fazendo referência ao anterior, estabelecendo, então, uma relação colaborativa entre os interlocutores (JUBRAN, 2015). Nesse sentido, a repetição, em nosso estudo, não é apenas uma característica da língua falada, mas, sim, uma estratégia com função cognitivo-interacional, multidirecional (anáfora e catáfora conceptual) e multifuncional, pois contribui para a condução e manutenção do tópico discursivo¹, favorecendo a coesão e a coerência textual.

Assim, a partir dos estudos de Ramos (1983), Oliveira (1998), Castilho (2014) e Marcuschi (2015) e a partir da suposição de que as repetições sejam “peças-chave” necessárias ao processamento textual-discursivo, à comunicação entre os interlocutores e à construção e manutenção do tópico discursivo, temos o objetivo de analisar como os informantes do Português Culto de

¹ Segundo Jubran (2015), o tópico discursivo se sucede a partir de um processo de cooperação entre os interlocutores, sendo sujeito a diversos fatores contextuais, como a situação comunicativa, a familiaridade entre os interlocutores, os conhecimentos partilhados entre eles, a visão de mundo e o *background* de cada um.

Vitória da Conquista – *Corpus* PCVC² utilizam esse recurso da oralidade. Nesse sentido, hipotetizamos, *a priori*, que 1) os aspectos funcionais da repetição atuam diretamente na construção e manutenção do tópico discursivo; 2) a repetição é um processo metonímico; e, por fim, 3) a repetição é um processo que possibilita a organização da experiência humana, chegando ao âmbito textual por meio dos atos de fala e produzindo, cognitivamente, estruturas linguísticas dispostas em camadas.

Partindo desses pressupostos, estudamos a repetição no texto oral à luz do Funcionalismo norte-americano e da Linguística Cognitiva. Para tanto, neste artigo, primeiramente abordamos (i) o Funcionalismo e o seu princípio da iconicidade; (ii) os pressupostos da Linguística Cognitiva, demonstrando como a repetição é um processo metonímico; em seguida, (iii) apresentamos a metodologia utilizada e, por fim, (iv) fizemos a análise qualitativa dos dados coletados e apontamos as considerações finais.

2 Pressupostos Teóricos Funcionalistas

Na Linguística Funcional, a linguagem é entendida como um mecanismo de interação social. Nesse contexto, segundo Neves (2012), são pressupostos primordiais para uma abordagem funcional da língua:

1) A linguagem não é um fenômeno isolado, mas, pelo contrário, serve a uma variedade de propósitos (Prideaux, 1987), e, portanto, tem motivações: há uma competição de forças (externas e internas à língua), que, vindas de diferentes direções e possuindo natureza diferente, buscam equilibrar a forma da gramática.

2) A língua (e sua gramática) não pode ser descrita nem explicitada como um sistema autônomo (Givón, 1995), imune a uma relação com fatores externos de ativação: embora o sistema linguístico exiba um grau de arbitrariedade, ele se ativa motivado por fatores externos (e de mais de um tipo).

3) As formas e os processos da língua (a gramática) são meios para um fim, não um fim em si mesmos (Halliday, 1994): na atividade bem-sucedida, os fins são os correlatos das motivações (NEVES, 2012, p. 51).

Diante disso, em um estudo de natureza funcionalista, há a investigação da motivação para os fatos da língua, considerando o falante em situações reais de uso, e, também, do conjunto de processos históricos. Ao estudar a língua, os funcionalistas podem orientar-se por meio da noção pancrônica de mudança, pois são observadas as relações cognitivas e comunicativas que se desenvolvem no indivíduo em um determinado contexto e que se manifestam de maneira universal, visto que refletem as potencialidades e restrições da mente humana para armazenar e transmitir mensagens (MARTELOTTA; AREAS, 2003). Esse interesse funcionalista pela motivação do falante em usar uma forma para exercer determinada função, dependendo

² O *Corpus* foi constituído pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em Sociofuncionalismo, o qual é coordenado pelo Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva e pela Profa. Dra. Valéria Viana Sousa.

da situação comunicativa, incide em um dos princípios fundamentais para o Funcionalismo, o da iconicidade, que será abordado na próxima subseção.

Tendo em vista a dinamicidade da estrutura linguística, que está sujeita a pressões advindas de diferentes situações pragmático-discursivas, para o Funcionalismo, o discurso gera o sistema linguístico e, este, por sua vez, é maleável e está em constante transformação (cf. CUNHA, 2015). Assim, a gramática é construída na situação comunicativa, o que Hopper e Traugott (1993) denominaram de “gramática emergente”.

Seguindo essa concepção, na visão funcionalista, juntamente com postulados da Linguística Cognitiva que adotamos para o estudo da repetição, “[...] a estrutura da língua reflete de algum modo a estrutura da experiência, ou seja, a estrutura do mundo, incluindo a perspectiva imposta sobre o mundo pelo falante” (CROFT, 1990, p.164). Segundo Neves (1997), na motivação cognitiva, não a limitando a uma representação conceptual, mas estendendo-a a toda a gramática, há uma relação icônica entre a gramática e a base conceptual. Assim sendo, para Lakoff (1987), a gramática é uma categoria radial de construções gramaticais, pela qual cria uma relação de correspondência entre o modelo cognitivo e as propriedades da forma linguística.

A escolha pela teoria funcionalista com base cognitiva deve-se, entre outras razões, ao fato de lidarmos com o conceito de gramática emergente, considerando-a como um sistema maleável, construído a partir das situações comunicativas e das experiências do falante. Diante desse contexto, o processo de repetição é constituído por um conjunto de mecanismos regularizadores da experiência humana que, cognitivamente, interfere no processo de interação. Esta, por sua vez, “[...]se funda e organiza por intermédio da centração e da organicidade do significado, efetuadas [...] pela atuação funcional da repetição”. (OLIVEIRA, 1998, p. 36).

Realizadas essas considerações, na subseção seguinte, retrataremos os princípios funcionalistas: iconicidade, marcação e expressividade, evidenciando os agentes influenciadores no estudo da repetição na oralidade.

2.1 A motivação entre a forma e a função

De acordo com Haiman (1980), as palavras são iconicamente motivadas, pois são estruturadas seguindo determinada ordem, revelando a linearidade do signo linguístico. Dando continuidade a esses estudos, Givón (2001) afirma que a abordagem funcional é fundada a partir da noção de que a gramática é adaptavelmente motivada, resultando, então, no princípio de não arbitrariedade. Contudo, o teórico ressalta que a iconicidade não compreende todas as funções da língua motivadas pelo discurso, porque grande parte delas é explicada pelo princípio de arbitrariedade:

A iconicidade da linguagem não é absoluta, mas antes uma questão de grau. Na maior parte das construções gramaticais, recursos (ou princípios) mais icônicos são mesclados com recursos (ou regras) simbólicos convencionais mais arbitrários (GIVÓN, 2001, p.34)

Ancorado nos estudos de Givón (2001), o princípio de iconicidade, ainda, pode ser estudado segundo três subprincípios, a saber: o da quantidade, o da proximidade e o da ordenação linear.

No **subprincípio da quantidade**, a quantidade de informação é proporcional à quantidade da forma, de maneira que a organização gramatical de uma estrutura corresponde à estrutura do conceito que ela revela, como, no exemplo de repetição retirado do *Corpus PCVC*:

- (01) INF: Então a // o carro das prostitutas **passava passava passava** (A.I.R.M.)

Nesse excerto, ocorre uma estreita relação entre a quantidade de tempo e de material linguístico presente no enunciado. Dessa forma, quando o falante repete o verbo **passar**, ele expressa uma ação que se prolonga em um determinado tempo. Assim, a repetição idêntica do verbo expressa, com realismo e dinamismo, a experiência vivida pelo informante, demonstrando uma relação de motivação entre o sentido, quantidade, relacionada ao ato de passar, e a forma demonstrada pela ação de repetir o verbo (passava). Então, na repetição, o subprincípio da quantidade é notado quando os tópicos mais expressivos são marcados por um grande número de unidades discursivas, geralmente, de forma parafrástica. Sendo assim, os elementos mínimos da unidade discursiva (UD)³ tendem a ser compostos por mais estruturas repetitivas, que proporcionam a coesividade do discurso e a condução e manutenção do tópico discursivo.

No **subprincípio da proximidade**, o que está mais próximo no âmbito do significado, permanece mais próximo na forma. Isto é, o fato de as entidades estarem próximas funcional, conceptual ou cognitivamente motiva os falantes a colocarem os termos designativos dessas entidades próximos no nível da frase (WILSON; MARTELOTTA, 2015, p.83).

Em nosso estudo, as estruturas repetidas que partilham de assuntos semelhantes tendem a ficar mais próximas na sequência conversacional. No exemplo (01), podemos observar a proximidade de significado e de forma dos verbos que foram retomados de maneira contígua. Além disso, ainda que os termos repetidos não sejam enunciados contiguamente, consideramos o princípio da proximidade, visto que analisamos a repetição nas sentenças que compõem uma unidade discursiva,

Por fim, no **subprincípio da ordenação linear**, a ordem dos elementos em um período não se dá de maneira arbitrária, mas, sim, de forma motivada, partindo das experiências vividas pelo falante, como na narrativa “Cheguei à minha casa, tomei banho e, depois, fui dormir”. É válido ressaltar que a ordenação desse período, condizente com a realidade, não pode ser alterada, ou, se fosse, estabeleceria outro sentido. Na repetição, esse subprincípio atua na gradação de sentido produzida pelo fluxo dos elementos mínimos que compõem as unidades discursivas, constitutivas de tópicos conversacionais.

Em geral, considerando o conceito de língua para o Funcionalismo, a iconicidade, conforme Votre (1996), diz respeito à relação de motivação entre

³ De acordo com Castilho (2014), unidade discursiva é uma característica do texto falado, “composto por um conjunto de sentenças que tratam do mesmo assunto, correspondendo ao parágrafo na língua escrita.” (CASTILHO, 2014, p. 695).

forma e função, de maneira que os falantes realizem estruturas linguísticas intencionalmente, apesar de nem sempre identificarmos tal intenção. Essa concepção ratifica a ideia dos estudos que envolvem, sobretudo, variação e mudança linguística, de que, na língua, nada acontece por acaso.

2.2 Marcação e expressividade

Os funcionalistas, segundo Givón (2001), na tentativa de entender a distribuição da complexidade estrutural na construção gramatical, chegaram à conclusão de que características mais marcantes estão relacionadas à distribuição da frequência. Dessa maneira, a categoria mais marcada é menos frequente no texto e a não marcada é mais frequente.

Além da alta frequência, de acordo com Cunha (2015), as formas não marcadas apresentam outros aspectos: a) forma simplificada ou menor e b) aquisição prematura por parte das crianças. Por outro lado, as formas marcadas, geralmente, são menos frequentes, mais complexas e precisam de um maior esforço cognitivo por parte do falante.

Por exemplo, a sequência “Eu uso este sapato” é menos marcada por ser mais recorrente e por obedecer a ordem tradicional de uma oração (sujeito + verbo + objeto), sendo, desse modo, uma maneira menos expressiva e mais simples de falar. Por sua vez, a sentença “Este sapato eu uso” é mais marcada, visto que é menos frequente, não segue a ordem tradicional de uma oração, exigindo, assim um maior esforço cognitivo do falante.

No entanto, de acordo com Oliveira (1998), a marcação, por si mesma, não é suficiente para explicar o fenômeno da repetição na oralidade, devido à natureza binária em que ele se constitui. Por isso, ao lado do princípio de marcação, Dubois e Votre (1994) adotam também o princípio de expressividade. A expressividade, conforme Bally (2009), é a maneira pela qual o falante utiliza a língua para atingir seus objetivos de exteriorizar seus pensamentos, deixando em evidência suas marcas de singularidade. E o falante leva em consideração um interlocutor real ou imaginário, individual ou coletivo. No caso da repetição, em nosso estudo, as suas categorias funcionais foram analisadas a partir da marcação, pois verificamos quais categorias foram mais recorrentes, ao passo que expressividade foi analisada no funcionamento do fluxo discursivo, considerando a coesividade e a interatividade proporcionadas pela repetição.

Na próxima seção, abordaremos alguns pressupostos da Linguística Cognitiva que serviram de base para a nossa pesquisa.

3 Pressupostos Teóricos da Linguística Cognitiva

Partindo de uma perspectiva empirista que tem como base questões psicológicas e filosóficas sobre a experiência humana, para a Linguística Cognitiva (LC), a análise da “[...]mente humana não pode ser separada do corpo, de modo que a experiência, a cognição e a realidade são concebidas a partir de uma ancoragem corporal” (FERRARI, 2011, p.21). Mediante essa noção empírica, a realidade não é, exatamente, considerada como algo que

tenha reflexo na linguagem de forma objetiva, pois a realidade uma construção humana não, objetivamente, dada.

Johnson (1987) defende que o corpo, além de definir a experiência constitui a estrutura da cognição. Nesse sentido, segundo Lakoff (1987), o sistema linguístico atua por meio de associações de modelos simbólicos e cognitivos, caracterizados por processos metafóricos e metonímicos, formando conceitos que não são simples abstrações, mas que compõem esquemas imagéticos oriundos de experiências sensório-perceptuais. Lakoff (1987) utiliza o termo **realismo experiencialista** para designar o processo de construção de uma percepção particular entre diversas percepções possíveis e praticáveis em correspondência com o mundo que ocorre a partir da forma e da configuração do nosso corpo e do cérebro.

As principais propriedades referentes a essa proposta são de que (1) o pensamento é ancorado ao corpo, uma vez que o sistema conceptual tem como base a percepção, o movimento corporal e as experiências de natureza física ou social; e (2) o pensamento tem caráter imaginativo, de modo que os conceitos, que não têm relação direta com a nossa experiência física, façam o uso da metáfora, da metonímia e da imagética mental.

Na análise da repetição na oralidade, ancoradas nos estudos da Linguística Cognitiva e nas pesquisas de Oliveira (1998), essas propriedades que caracterizam o pensamento, em especial, interessam-nos, pois, no traço imaginativo. O princípio de que o sistema conceptual da língua, fundado a partir de um contato físico-social entre os falantes inseridos no mundo real e revelado por meio de associações metafóricas e metonímicas, é a base que promove a existência de uma matriz da repetição na conversação.

Seguindo essas perspectivas apresentadas, a subseção 5, destinada a abordar a análise funcional da repetição no nível da microestruturação (repetições que ocorrem no nível da sentença), representa a esquematização de modelos cognitivos idealizados, processados mental e formalmente por meio da relação entre os elementos mínimos da unidade discursiva que compõem a organização do tópico discursivo.

3.1 Processo cognitivo: metonímia

A partir da publicação do livro *Metaphors we live by* (Metáforas da vida cotidiana), de Lakoff e Johnson (1980), a metonímia, assim como a metáfora, foi considerada não como uma estratégia que servisse para ornamentar o discurso sem função informativa, mas, sim, como um processo cognitivo que está infiltrado em nosso cotidiano, tanto na nossa linguagem quanto nos nossos pensamentos e nas nossas ações.

Nesse sentido, a metonímia, em geral, é definida como uma figura retórica que ocorre quando o significado de uma palavra, normalmente, utilizado para caracterizar determinada entidade, é deslocado, passando a caracterizar outra entidade contígua (FERRARI, 2011). Segundo Ferrari (2011), essa contiguidade é constituída pelas associações que fazemos a partir de nossas experiências. Por exemplo: “Eu li *Clarice Lispector*”. Nesse enunciado, podemos notar a função referencial da metonímia, pois o sujeito faz referência ao livro que leu, citando não a obra, mas a autora, Clarice Lispector. Diante disso,

percebemos que é necessário fazermos a inferência de um elemento implícito, porém o elemento explícito não substitui o implícito, na verdade eles se complementam (WARREN, 2006). No Funcionalismo, a metonímia, também, é considerada uma espécie de inferência pragmática, uma “associação conceptual” baseada no mundo discursivo ou uma transferência de sentido autorizada por uma contiguidade (GONÇALVES et al.;2007).

Lakoff e Turner (1989) propuseram que a projeção da metonímia ocorra somente em um domínio. Porém, pesquisas posteriores indicam que essa projeção metonímica pode ocorrer entre domínios, desde que estes sejam qualificados como subdomínios de um domínio-matriz (FERRARI, 2011). Nesse sentido, a distinção básica entre metáfora⁴ e metonímia dá-se pelo fato de que a primeira ocorre entre dois domínios que não são ramificações do mesmo domínio-matriz e de que a segunda caracteriza-se pela presença de um mesmo domínio.

Além disso, no Funcionalismo, esses mecanismos cognitivos (metáfora e metonímia) são tratados no processo de gramaticalização⁵ de elementos lexicais. Assim, de acordo com Hopper e Traugott (1993, a analogia está para a metáfora, atuando em relações no eixo paradigmático, enquanto a reanálise está para a metonímia, operando em relações no eixo sintagmático.

Considerando uma análise sintática da repetição, recorreremos ao estudo de Castro (1994), no qual o pesquisador propôs uma descrição de repetições nos eixos paradigmáticos e sintagmáticos. Vejamos os exemplos citados por ele:

(...) Bom, **bonito**
bonito ele num é (...).

Essa repetição é descrita no eixo paradigmático (ordenada na linha vertical), pois não há diferença funcional entre os elementos repetidos. Entretanto, a repetição a seguir é situada no eixo sintagmático (ordenada na linha horizontal), porque há distinção funcional entre os termos:

‘Problemas de sertanejo não me interessam. (...)
Não é preconceito ou esnobismo. Simplesmente acho
pobre pobre.’ (O Estado de S.Paulo/Cultura, 07/08/93,
grifos do autor).

Segundo Castro (1994), apesar de esse exemplo ter sido retirado de um texto escrito, ele, pela sua natureza coloquial, poderia ocorrer em uma

⁴ A “essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra” (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 47), ou melhor, a metáfora é um processo conceptual de um domínio de experiência em termos de outro. Desse modo, podemos identificar, em cada metáfora, um domínio-fonte e um domínio-alvo.

⁵ A gramaticalização ocorre quando itens lexicais ou construções sintáticas (aqueles que fazem referência a entidades, a ações e a qualidades), dependendo do contexto, passam a ter a funções gramaticais (aquelas que fazem parte a organização interna do discurso, servindo para ligar estruturas do texto).

conversação. Nessa amostra, a matriz (M), pobre, é um substantivo e a repetição (R), pobre, é um adjetivo, em uma relação predicativa, funcionalmente, diferente do exemplo anterior, no qual a matriz e a repetição exercem sintaticamente a função idêntica de adjetivo.

A seguir, após o aparato teórico, apresentaremos os mecanismos metodológicos da pesquisa e, posteriormente, a análise dos dados.

4 Mecanismos metodológicos

As entrevistas analisadas foram retiradas do *Corpus* Português Culto de Vitória da Conquista. Esse *Corpus* foi, detalhadamente, elaborado e organizado pelos participantes do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e do Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – CNPq, entre os anos de 2011 e 2015. O *Corpus* PCVC é pautado na escolha daquela população que tem, no mínimo, 11 anos de escolaridade e que é natural do município. Os mecanismos metodológicos utilizados para constituir o *Corpus* foram baseados nos trabalhos sociolinguísticos que se fundamentam na perspectiva variacionista laboviana. Para a nossa análise, considerando que a repetição seja uma estratégia altamente produtiva na oralidade e que o nosso objetivo seja, principalmente, descrever como falantes do *Corpus* PCVC utilizam tal recurso na língua falada, selecionamos uma amostra de 04 (quatro) entrevistas, observando 30 minutos de cada. Após esse processo, tivemos acesso ao áudio de cada conversação e delimitamos as pausas, para, então, classificarmos as estruturas repetidas.

Em nosso estudo, optamos por analisar a repetição operando no nível da sentença, identificando funcionalmente a relação entre as sentenças na organização interna de uma UD. Em outras palavras, observamos principalmente as autorrepetições que atuam no grupo da microestruturação, abordadas por Oliveira (1998), propondo um diálogo com as repetições que atuam no nível da sentença, apresentadas por Ramos (1983). Para tanto, verificamos a unidade discursiva a partir de um critério sobretudo semântico, tendo em vista que esta produz um núcleo significativo por meio da articulação de seus elementos mínimos.

5 Análise dos dados

Para este artigo, fizemos um recorte e analisamos as seguintes categorias funcionais: Reconstituidora I, Reconstituidora II, Intensificadora e Distribuidora, a qual possui as subcategorias: Desdobramento e Paralelização⁶.

⁶ Neste artigo, fizemos um recorte e analisamos seis aspectos funcionais, mas, na dissertação de Santos (2017), foram analisadas sete categorias funcionais, considerando como subcategorias da distribuidora os seguintes aspectos: a retificação, a paralelização, a enumeração e o desdobramento.

5.1 Reconstituidora I

Foram encontradas 20 ocorrências da repetição reconstituidora I em nosso *corpus*. Essa categoria tem a função de promover contiguidade a elementos que foram distanciados por alguma inserção. Vejamos:

- (02) INF: [...] **eu não gosto** por exemplo **eu não gosto de** reunião demais [...] (A. I. R. M.).
- (03) INF: [...] **tem uma coisa engraçada** / ah sim **tem uma coisa engraçada** de quando eu era criança [...] (F.S.L.B.).

No fragmento (02), o documentador pergunta sobre a profissão da informante e ela relata a rotina de professor, apresentando o que não gosta. Assim, o falante repete a sequência “eu não gosto”, logo após a expressão “por exemplo”, que separou tal estrutura de seu complemento, optando por formar, dessa segunda vez, uma estrutura canônica (sujeito + verbo + complemento): “eu não gosto de reunião demais”.

Já no trecho (03), o documentador pergunta se o informante gosta mais do frio devido ao fato de ele ter morado em cidades mais quentes, então ele diz que sim e logo se lembra de algo aconteceu na sua infância em relação a esse assunto. Nesse recorte que fizemos para apresentarmos as estruturas repetidas, o informante retoma o sintagma verbal “tem uma coisa engraçada” depois do marcador discursivo “ah sim”, reconstituindo a estrutura com o complemento “de quando eu era criança”. Desse modo, a partir dessas repetições, o ouvinte foi lembrado de uma informação inicial que, talvez, precisasse ser reestabelecida após a ruptura.

Segundo Ramos (1983), na reconstituidora I, a oração, para o falante, é percebida como uma unidade. Assim, a interrupção na sentença, como, nesses casos, por meio do “por exemplo” e do “ah sim”, provoca, no indivíduo, a necessidade de repetir toda a estrutura que já foi dita.

Ainda conforme a referida pesquisadora, há uma tendência para que estruturas canônicas como (i) sujeito + verbo + complemento, (ii) sujeito + verbo intransitivo e (iii) sujeito + verbo de ligação + predicativo sejam reconstruídas por meio da estratégia da repetição. No entanto, há a reconstrução de outras estruturas, como em:

- (04) INF: **A minha infância** foi **uma infância** muito movimentada [...] (A.I.R.M., grifo nosso).

No enunciado (04), o sujeito, que, também, exerce a função de tópico, “a minha infância”, é repetido após o verbo como uma maneira de enfatizar uma informação e facilitar a compreensão do ouvinte. Percebemos que, se suprimíssemos o sintagma nominal “uma infância”, não haveria prejuízo no entendimento semântico da sentença. A partir disso, somos licenciados a inferir que, na repetição, há uma busca por uma maior expressividade. Além disso,

nesse exemplo, temos uma repetição de um sintagma nominal. O sintagma **A minha infância** (M) exerce a função de sujeito e tópico simultaneamente, sendo reconstituída em **uma infância** (R) na função de predicativo de sujeito. A mudança de função sintática nessa ocorrência revela o processo de reanálise no eixo sintagmático e, conseqüentemente, a função referencial da metonímia, já que, para entendermos R, precisamos fazer inferências de características que estão presentes em M. Portanto, o falante, ao utilizar o recurso da repetição, estabelece relações sintagmáticas, proporcionando uma reanálise sintática, a qual corresponde ao processo metonímico. E, estabelecendo um diálogo com a metonímia à luz da Linguística Cognitiva, nesse exemplo, a expressão “uma infância” faz referência ao antecedente explícito e domínio-matriz: “a minha infância”. O informante, inicialmente, especifica a infância da qual está falando e, depois, faz referência a ela de uma maneira mais genérica, utilizando o artigo indefinido “uma”, não sendo, portanto, infâncias diferentes. Desse modo, no recurso da repetição, a matriz (M) configura-se como um domínio e as repetições (R1, R2...) como subdomínios.

Porém, em alguns casos, quando eliminamos o elemento que foi reconstruído, há um prejuízo na compreensão do ouvinte. Vejamos o excerto (05):

- (05) INF: [...] eu pretendo **fazer** no futuro após terminar meu *cur* // minha graduação em Letras e estar trabalhando nessa área porque eu já sou professora primária / **fazer** o curso de Direito [...] (L.S.S., grifo nosso).

No trecho (05), o documentador pergunta o porquê de a informante ter escolhido Letras e ela diz que foi a vontade de aprender a falar e a escrever corretamente para, no futuro, poder fazer o curso de Direito. Assim, nos termos repetidos, notamos que, se a informante não retomasse o verbo “fazer”, o ouvinte teria que memorizar a oração inicial “eu pretendo fazer no futuro”, recodificar as orações posteriores e, depois, estabelecer uma relação entre a sentença inicial e a sequência “curso de Direito”. Conforme Ramos (1983), como a memória a curto prazo tem uma capacidade limitada, há a probabilidade de a oração inicial ser esquecida antes que a sequência final seja inserida. Nesse sentido, podemos dizer que a sentença é considerada pelo falante como uma unidade, visto que qualquer interrupção proporciona a reconstituição de elementos já enunciados.

Há, ainda, a reconstituição de uma estrutura com variação formal. Observemos:

- (06) INF: [...] **todas as pessoas** que conseguem chegar na universidade depois dos 30 / como eu entrei com 35 anos / **a gente** tá mais seguro com que a gente quer [...] (L.S.S., grifo nosso).

No fragmento (06), o informante inicia a oração com uma sequência genérica “todas as pessoas” e, após um comentário, no qual ele se inclui entre essas pessoas que entram na universidade depois dos 30 anos, por meio da sentença “como eu entrei com 35 anos”, o falante retoma, com variação formal e de maneira mais específica, o sujeito inicial com o termo “a gente”, que reforça a sua inclusão no discurso. Percebemos que, se o informante não tivesse reconstituído o sujeito da oração com o elemento “a gente”, o enunciado permaneceria no plural, sem grandes prejuízos na compreensão do ouvinte: “**todas as pessoas** que conseguem chegar na universidade depois dos 30 / como eu entrei com 35 anos / *estão mais seguras com o que querem*”.

Além disso, nesse último exemplo, podemos, claramente, analisar o processo metonímico ocorrendo no ato de repetir. Como vimos anteriormente, a projeção metonímica pode acontecer entre domínios, somente se estes forem subdomínios de um domínio-matriz. Desse modo, quando o informante utiliza o sujeito “todas as pessoas” (domínio-matriz) e retoma esse sujeito mediante o termo “a gente” (subdomínio), ele se insere no discurso e faz referência, com um antecedente explícito, a todas essas pessoas que entram na faculdade depois dos 30 anos. Esse antecedente, por sua vez, é parte de um todo, o que configura o processo metonímico.

Traçando um diálogo com as funções abordadas por Oliveira (1998), a reconstituidora I corresponde à categoria funcional reordenação que tal linguista define como o processo de reelaboração que tem por finalidade recuperar ou reformular estruturas interrompidas pela inclusão de algum comentário ou marcador discursivo.

5.2 Reconstituidora II

Encontramos 15 ocorrências da repetição reconstituidora II no *Corpus* PCVC, sendo, portanto, a mais marcada, já que exige um maior esforço cognitivo do falante e, ainda, foi a menos recorrente entre os aspectos funcionais analisados. Essa categoria corresponde à reconstrução de estruturas canônicas ocupando a localização original de elementos que foram topicalizados:

- (07) INF: **Num grupo de teatro** // eu namorava uma outra pessoa/ porque namorei de dez a catorze anos com um rapaz e aí eu conheci meu marido/ que hoje é meu marido/ **conheci num grupo de teatro** [...] (A.I.R.M., grifo nosso).

No enunciado (07), o documentador pergunta onde a informante conheceu o seu marido e, então, ela inicia o seu discurso topicalizando o advérbio de lugar, “num grupo de teatro”, que será repetido após um comentário, preenchendo a sua posição sintática canônica, “conheci num grupo de teatro”.

Na ocorrência (08), a seguir, o documentador pergunta se o informante lembra-se de algum fato interessante que tenha ocorrido no seu trabalho. O

informante, inicialmente, responde que não e depois topicaliza a expressão “a aula” que é retomada após uma pausa, ocupando a sua posição original de objeto direto e seguindo a organização canônica de uma oração – sujeito (inexistente) + verbo + complemento (objeto direto), confirmemos isso:

- (08) INF: [...] **a aula** / **tem a aula** e vai embora, é só isso [...] (F.S.L.B., grifo nosso).

Já no enunciado (09), o documentador questiona como é a relação da informante com o filho. A informante responde que é “de irmã”. Assim, ela topicaliza essa sentença (de irmã) que, quando retomada, será colocada em sua posição original de predicativo do sujeito, formando uma estrutura padrão (sujeito + verbo de ligação + predicativo do sujeito): “minha relação com meu filho é mais de irmã”. Observemos:

- (09) INF: **de irmã** / infelizmente, depois de ter sido avaliada por uma psicóloga // minha relação com meu filho **é mais de irmã** do que de mãe e filho (L.S.S., grifo nosso).

Por fim, notemos que a topicalização presente na ocorrência apresentada pode ser interpretada como uma estratégia de enfatizar um elemento. Essa categoria funcional, a reconstituidora II, reflete, de certa maneira, o processo cognitivo do falante quando este coloca primeiramente em evidência, na função de tópico, a informação que ele julga ser mais importante e, também, acata o subprincípio da ordenação linear no sentido de que, por meio da repetição, o falante reconstitui uma estrutura canônica. Além disso, na reconstituidora II, o processo metonímico é revelado quando o falante retoma os termos que, inicialmente, foram topicalizados, pois eles fazem referência à repetição matriz, sendo assim subdomínios de um domínio-matriz.

Mediante essas análises, percebemos que a principal diferença entre a reconstituidora I e a reconstituidora II deve-se ao fato de que, na primeira, a inserção de sentenças provoca um distanciamento entre os constituintes da oração inicial, ao passo que, na segunda, um dos elementos da sentença, inicialmente, fica fora de sua ordem sintática, por causa da topicalização, sendo necessária, assim, a repetição para reconstruir a estrutura canônica.

5.3 Distribuidora

A função distribuidora foi encontrada em 27 ocorrências em nosso *corpus*. Esse aspecto funcional torna explícito o tópico que será explicado na nova sequência, auxiliando na coesividade do discurso. Analisemos o seguinte exemplo:

- (10) INF: Bom eu não gosto de **São João**// quando o **São João** vira micareta ou carnaval né? Mas eu gosto daquele **São Joãozinho** assim de cidade do interior sabe? [...] (F.S.L.B., grifo nosso).

Nesse excerto, o documentador pergunta se o informante gosta de São João. Assim, quando o falante, inicialmente, informa que não gosta de São João, indica que as próximas sentenças serão sobre tal tópico. Dessa maneira, a repetição da expressão “São João” gera novas sequências, assegurando a coesividade do discurso. Nesse sentido, segundo Ramos (1983), o tópico atua de forma semelhante ao título de um texto. Em relação a uma análise sintática, notamos que a matriz, constituída pelo SN São João em “gosto de São João” tem a função de complemento verbal (objeto indireto), ao passo que em “o São João vira micareta”, a repetição tem função de sujeito e, por fim, volta a ser complemento verbal em “gosto daquele São Joãozinho”. Essa mudança de função sintática revela o processo da reanálise.

Observemos outro enunciado que caracteriza a função distribuidora:

- (11) INF: A minha **rua** é uma **rua** // eu posso falar o nome da **rua**? A **rua** / **rua** João Pessoa que já foi **rua** da Boiada, né, popularmente conhecido como **rua** da... hoje é uma **rua** altamente movimentada [...] (A.I.R.M., grifo nosso).

No enunciado (11), o documentador pergunta à informante se o bairro onde ela mora é movimentado ou tranquilo. Desse modo, em seu discurso, A.I.R.M. indica que o tópico a ser desenvolvido será sobre a sua rua e, após uma pergunta ao documentador, ela continua a abordagem sobre o assunto. Sintaticamente⁷, podemos observar que **rua**, em um primeiro momento, é núcleo do sujeito (“a minha rua”), em seguida predicativo do sujeito (“é uma rua”), depois adjunto adnominal (“nome da rua”), sujeito (“a rua / rua João Pessoa), predicativo do sujeito (“foi rua da Boiada”), complemento da preposição “como” (“conhecido como rua”) e, por fim, novamente, predicativo do sujeito (“hoje é uma rua”).

A partir dessa análise, podemos notar que há a repetição de uma forma (rua), anáfora formal, e, a cada reduplicação de um elemento, há a presença de uma nova informação (rua João Pessoa/ rua da Boiada/ rua altamente movimentada), fato que renova o significado, caracterizando, portanto, a catáfora conceptual. Assim, ratificamos a nossa premissa de que repetir não é dizer o mesmo.

Outros aspectos que analisamos nesse exemplo foram o processo de reanálise e o processo metonímico. Mediante o contexto sintático, percebemos que há uma mudança de função sintática do termo repetido (rua), o que proporciona uma reanálise do léxico nas relações sintagmáticas e, também, do ponto de vista semântico, já que há uma ampliação no sentido. Em relação ao

⁷ A análise sintática feita nesta pesquisa foi baseada nos estudos de Duarte (2014).

processo metonímico, a repetição de “rua” proporciona uma relação de contiguidade que ocorre por meio de um antecedente explícito (rua) e por um antecedente implícito, pois, apesar de o documentador perguntar, de uma maneira geral, sobre o bairro da informante, ela responde dando características da sua rua, fazendo, conseqüentemente, referência ao bairro. Isso revela como a experiência do indivíduo e o modo como interpreta a realidade que está a sua volta reflete na linguagem. Nesse sentido, podemos categorizar “rua” como parte de um todo: “bairro”. Ademais, promovendo uma relação com a Semântica do Acontecimento, embora o termo bairro não seja mencionado pelo informante, o vocábulo “rua” traz uma história que nos permite interpretar as características do bairro.

Por fim, essa ocorrência revela ainda aspectos da função reconstituidora I, pois o falante retoma o termo “rua” como uma forma de enfatizar e focalizar o tópico discursivo: “A minha **rua** é uma **rua**”; A **rua** / **rua**⁸ João Pessoa que já foi **rua** da Boiada”. Nesse sentido, reforçamos a natureza multifuncional e polissêmica da repetição.

Estabelecendo um diálogo com a pesquisa feita por Marcuschi (2015) acerca da repetição, a função distribuidora corresponde ao aspecto funcional esclarecimento, abordado pelo referido linguista, que consiste em tornar explícitas as informações que serão desenvolvidas e, por meio de repetições alteradoras ou idênticas, promover a ampliação dessas informações.

Ramos (1983) aborda outros casos que se encaixam na função distribuidora, porém não chega a nomeá-los como subfunções. Assim, considerando a nossa proposta de diálogo entre as pesquisas de Ramos (1983) e Oliveira (1998), nomeamos esses outros casos partindo das funções microestruturadoras abordadas por Oliveira (1998), sendo elas: o desdobramento e a paralelização.

5.3.1 Desdobramento

Encontramos 45 ocorrências da subcategoria desdobramento no *Corpus PCVC*. Diferentemente da função distribuidora, o desdobramento ocorre, no desenvolvimento do tópico discursivo, quando uma informação, que *a priori* estaria em um plano periférico, é retomada, tornando-se o subtópico da unidade discursiva. Para entendermos melhor, observemos a ocorrência a seguir:

(12) DOC: E como era as brincadeiras na sua infância?

INF: [...] eram brincadeiras ou de rua, ou de quintal, então nós brincávamos muito e brincávamos eh... trabalhando muito com o corpo, porque por exemplo era muito de pular, era muito brincadeira de correr, era muito brincadeira de... de... de fazer peraltices, certo?, então a gente tinha eh// **tonga**. **Tonga** era o nome de uma brincadeira que em outros lugares eh... recebiam outros nomes, mas aqui se chamava **Tonga**, que era uma brincadeira

⁸ A repetição de **rua** seguida de uma pausa caracteriza uma hesitação.

de correr para pegar o outro, né?, então chamava-se **Tonga**, em outros lugares chamava picula eh... mas aqui o nome era **Tonga**. Tinha duas espécies de **Tonga**, tinha **Tonga** de... de correr e tinha **Tonga** de esconder, pra você poder encontrar o outro que tava escondido, e no **Tonga** de correr, uma... uma pessoa pessoa era destinada ao **Tonga**, que corria atrás das outras pessoas. Bem, aí também havia uma submodalidades, era de pegar, segurar ou então o **Tonga** tinha triscou pegou, era considerado pegou. Isso era uma das brincadeiras [...] (A.I.R.M., grifo nosso).

Na ocorrência apresentada, podemos notar que, a partir do tópico “brincadeiras da infância”, houve um comentário paralelo sobre uma determinada brincadeira, o “tonga”, proporcionando, desse modo, um desdobramento de informações acerca do subtópico. O comentário paralelo, por ter aspectos semântico-funcionais, vale-se desse recurso da repetição como uma maneira de ampliar a significação e auxiliar no fluxo discursivo (catáfora conceptual). Além da expansão semântica, percebemos que, em cada repetição, no nome “tonga” (anáfora formal), há uma função sintática diferenciada: (a) complemento verbal (objeto direto) em “a gente tinha eh// tonga”; (b) sujeito em “tonga era o nome de uma brincadeira”; (c) predicativo do objeto em “aqui se chamava tonga” e, também, (d) predicativo do objeto em “chamava-se Tonga”; (e) predicativo do sujeito em “aqui o nome era tonga”; (f) adjunto adnominal em “tinha duas espécies de tonga” (g) novamente complemento verbal (objeto direto) em “tinha tonga de correr” e “tinha tonga de esconder”; (h) advérbio de modo em “no tonga de correr” (i) adjunto adverbial em “uma pessoa era destinada ao tonga”; e, por fim, (j) novamente sujeito em “o tonga tinha triscou pegou”.

Nesse exemplo, na medida em que a palavra **tonga** é repetida, há uma nova informação que retrata a realidade de uma época, o que equivale ao fator experiencial, ao universo histórico-cultural do falante. **Tonga** é só parte das brincadeiras que estavam inseridas na infância do indivíduo. Assim, o processo metonímico ocorre mediante um antecedente explícito (a repetição do vocábulo tonga) e um antecedente implícito, já que **tonga** refere-se às brincadeiras de um modo geral.

Para melhor entendermos a função desdobramento, observemos o seguinte exemplo:

- (13) INF: [...]eu procuro estar muito perto das pessoas com quem eu convivo no meu dia a dia, tanto na universidade / quanto no **bairro** onde eu moro / que é um **bairro** de periferia [...] (L.S.S.).

Nesse enunciado, o documentador pergunta sobre a forma de falar da informante e ela responde dizendo que usa gírias e tem sotaque, mas que isso depende do lugar onde está. Por isso, L.S.S. aborda sobre a sua convivência com as pessoas e cita alguns ambientes, a universidade e o bairro. Porém, quando a informante faz referência ao bairro, ela, por meio de uma repetição idêntica do termo destacado (anáfora formal), fornece uma característica ao termo que passou a ser o foco do seu discurso por um instante (catáfora conceptual). Essa característica especifica um elemento que antes era genérico.

Desse modo, houve uma projeção metonímica que concorda com um antecedente explícito, pois a repetição “bairro” é um subdomínio do domínio-matriz (bairro). Além disso, na expressão “bairro de periferia”, o falante faz referência à localização do bairro na periferia da cidade e não, necessariamente, que o bairro pertence à periferia, como indica o uso da preposição “de”. Com isso, a partir de um antecedente implícito, podemos ratificar a contiguidade, a função referencial da metonímia e a sua característica de ser, superficialmente, não literal. Podemos ver isso não somente nesse exemplo, mas, também, nas ocorrências de tonga/tonga, pois as repetições derivadas de uma repetição matriz configuram a relação metonímica da PARTE PELO TODO. Por fim, percebemos, mediante o contexto da entrevista, que a experiência da informante e o modo como ela se situa no mundo e no ambiente comunicativo refletem como ela usa a língua.

Em suma, o aspecto funcional desdobramento ocorre a partir do comentário paralelo de um tópico, no qual há a expansão semântica de um elemento, marcando o detalhamento de uma informação e gerando novas sequências.

5.3.2 Paralelização

A paralelização é a função básica das repetições microestruturadoras, sendo a categoria mais encontrada em nosso *corpus*, portanto a menos marcada, alcançando um número de 278 (duzentos e setenta e oito) ocorrências. Esse aspecto funcional atua nas unidades mínimas da UD que compartilham um valor semântico e/ou uma organização sintática semelhante, retomando itens lexicais ou estruturas sintagmáticas análogas enunciadas anteriormente. No estudo dessa função, também, fica evidente a relação entre repetição e paralelismo sintático, apresentado por Marcuschi (2015), na situação comunicativa. Para ilustrar essa categoria, Oliveira (1998) apresenta somente ocorrências com autorrepetições, e Ramos (1983) aborda que esse caso da função distribuidora ocorre quando o falante reitera algo dito pelo interlocutor (heterorrepetição). Diante dessas possibilidades presentes nos estudos realizados sobre o tema, em nossa pesquisa, julgamos que a paralelização seja realizada tanto na autorrepetição quanto na heterorrepetição. Analisemos um exemplo de autorrepetição:

- (14) INF: **Tive uma infância** muito feliz / **eu tive uma infância** extremamente movimentada (A.I.R.M, grifo nosso).

Nesse fragmento, a informante é questionada sobre a infância dela e, inicialmente, ela responde com o sintagma oracional “tive uma infância”, no qual é revelado um paralelo entre a matriz, que manifesta uma generalização sobre a infância (tópico), e a R, “eu tive uma infância”, que expressa uma nova informação mais específica acerca do tópico. Segundo Ramos (1983), alguns autores tratam o paralelismo sintático como uma estratégia enfática. No

exemplo citado, há um tom intensificador do tópico, porém, assim como Ramos (1983), consideramos que o fator motivacional do paralelismo sintático seja facilitar o processo do discurso, promovendo a coesão com o acréscimo de um novo argumento “extremamente movimentada”, como no seguinte exemplo de heterorrepetição, com variação formal:

- (15) DOC: **‘Cê gosta de dar aula de inglês**, F.?
INF: **Eu gosto de dar aula de inglês** porque eu mantenho contato com a língua inglesa (F.S.L.B., grifo nosso)⁹.

Notamos que, no excerto (15), configura-se o encadeamento de uma nova sequência enunciada pelo informante a uma sequência anterior dita pelo documentador, por meio da repetição. Quando ocorre a heterorrepetição, percebemos que o informante é motivado, em princípio, a repetir a fala do documentador para que a sua resposta fique, possivelmente, melhor contextualizada, sem, necessariamente, ter uma intenção consciente que vá além da recuperação do que foi perguntado.

Para além desse propósito, algumas ocorrências da paralelização trazem uma natureza explicativa ou restritiva:

- (16) INF: [...] quando **eu vim pra Conquista / logo que eu vim pra cá** / eu morei no bairro Brasil [...] (F.S.L.B., grifo nosso).

A partir de uma repetição alteradora, o falante produz uma espécie de aposto explicativo, e as pausas reforçam essa representação de um aposto na língua falada. Agora, analisemos estes outros exemplos:

- (17) INF: [...] eu lembro de alguns anos atrás a gente ia a **família** toda / essa **família** que se reúne pro natal [...] (F.S.L.B., grifo nosso).
(18) [...] é uma necessidade né / de hoje em dia **da gente** tá morando nesse bairro / quando eu falo **a gente** é eu e minha família [...] (R.F.V., grifo nosso).

Nesses fragmentos, os informantes retomam o termo destacado (família/a gente) a fim de restringir as pessoas das quais eles estavam falando, construindo, assim, uma intercalada com o propósito especificativo. No trecho (17), o falante restringe toda a família àquela que se reúne para o natal, ao passo

⁹ É válido lembrar que, na função paralelização, consideramos as heterorrepetições e autorrepetições, por isso, há exemplos incluindo tanto a fala do documentador quanto a fala do informante.

que, na ocorrência (18), o falante limita a expressão “a gente” a ele e à família. Ainda podemos observar, nesses exemplos, o processo metonímico na repetição, pois as frases “essa família que se reúne pro natal” e “a gente é eu e minha família” são subdomínios que fazem referência a um antecedente explícito, o domínio-matriz “família toda” e o domínio-matriz “da gente”. Nesse sentido, os informantes repetem essas estruturas por uma necessidade que eles sentem de especificar ou explicar. Assim, o recurso da repetição está à disposição deles para fornecer coesividade ao discurso e facilitar a compreensão do ouvinte.

Conforme foi possível apreender, diferentemente da enumeração, a paralelização não apresenta significados muito distintos entre as sequências. Essa função (a paralelização) auxilia, mais especificamente, na argumentação, na coesividade e no valor enfático do texto.

5.4 Intensificadora

Encontramos 20 ocorrências da função intensificadora em nosso *corpus*. Essa categoria acontece quando o falante repete, de maneira contígua e sem variação, determinado item linguístico, como, por exemplo:

- (19) INF: **Não não**, trabalho dando aula ainda não [eu pretendo] começar esse ano lá mesmo (F.S.L.B., grifo nosso).

No fragmento (19), o informante é questionado sobre o seu trabalho em determinada instituição de ensino e, assim, em sua resposta, ele repete a forma do advérbio de negação “não”, intensificando aspectos semânticos desse elemento.

De acordo com Ramos (1983), o efeito semântico da repetição de um elemento varia dependendo da classe gramatical a que ele pertence. Assim, quando adjetivos, advérbios ou locuções adverbiais são reduplicados, a repetição expressa intensificação, como no exemplo (19), anteriormente citado. Interessante destacar, no entanto, que, quando a reduplicação se dá por meio de verbos, indica continuidade ou repetição do processo:

- (20) INF: [...] porque o carnaval foi... foi **esmaecendo esmaecendo** (A.I.R.M., grifo nosso).

Nos dois trechos apresentados para explicar a função intensificadora, podemos observar a manifestação dos subprincípios da iconicidade: (i) o da proximidade, pois as repetições contíguas do advérbio e do verbo intensificam e partilham aspectos semânticos semelhantes; (ii) o da quantidade, visto que essas repetições idênticas expressam, com realismo e dinamismo, a experiência vivida pelo falante, demonstrando uma relação de motivação entre o sentido, quantidade e tempo, no caso do verbo, relacionados ao ato de negar, qualificar

e esmaecer; e, por fim, (iii) o da ordenação linear, pois as repetições proporcionam uma gradação de sentido, intensificando características semânticas do item linguístico.

Do ponto de vista funcionalista, essas reduplicações revelam uma transferência de sentido entre os elementos explicada pelo processo de analogia e a motivação do falante em busca de uma maior expressividade, o que confirma o caráter icônico da repetição. E, apesar de, sintaticamente, as repetições do advérbio e do verbo não implicarem uma mudança de função gramatical, elas manifestam uma nova carga de sentido a cada item repetido, por isso a repetição é catáfora conceptual. Já nos termos da Linguística Cognitiva, a repetição do verbo “esmaecendo” caracteriza o processo metonímico PARTE PELO TODO, pois faz referência a um elemento implícito, a repetição da ação de “esmaecer”, isto é, o verbo no gerúndio “esmaecendo” é parte de uma ação (esmaecer) contínua.

Em suma, a função intensificadora acata o princípio de iconicidade, pois a quantidade de repetição idêntica, em contiguidade, implica um maior volume de informação. Além disso, percebemos que o falante, ao utilizar essa função, realmente, tem a intenção de enfatizar um elemento, ao passo que em outras funções, como a paralelização, a distribuidora e o desdobramento, o informante reitera itens sem ter, necessariamente, uma intenção consciente, mas, sem dúvida, há uma motivação na busca em fornecer coesividade ao discurso e facilitar a compreensão do ouvinte.

6 Considerações finais

O objetivo da pesquisa que originou este trabalho pesquisa foi investigar, sobretudo, a partir de postulados funcionalistas, como os falantes do Português Culto de Vitória da Conquista utilizam o fenômeno linguístico da repetição, verificando os seus aspectos funcionais que organizam e auxiliam na manutenção do tópico discursivo, facilitando a interação entre os interlocutores e, ainda, compreendendo como esse fenômeno constitui-se em um processo metonímico.

Constatamos ainda que o mecanismo de repetição (1) auxilia na condução e manutenção do tópico discursivo a partir de seus aspectos funcionais; (2) é um processo metonímico; e (3) é, cognitivamente, motivado, refletindo o modo como o indivíduo interpreta a realidade que está a sua volta. Ademais, a partir do estudo dessas funções microestruturadoras, percebemos que a categoria mais recorrente foi a paralelização, resultado obtido não só devido ao fato de considerarmos as heterorrepetições e as autorrepetições, mas, também, ao fato de essa função proporcionar coesividade no início e na continuidade do turno discursivo do falante, sendo, portanto, mais utilizada no decorrer do discurso e menos marcada, já que exige pouco esforço cognitivo do falante.

Diante dos resultados alcançados nesta pesquisa, podemos definir a repetição na oralidade como um mecanismo icônico, multifuncional, expressivo, capaz de exercer o duplo papel de ser anáfora formal e catáfora conceptual ao mesmo tempo e, ainda, podendo ser analisada como um processo metonímico que ocorre coordenado, principalmente, por um

antecedente explícito e entre domínios, desde que esses sejam subdomínios de um domínio-matriz.

Este estudo é relevante, pois, além de demonstrar como os falantes do Português Culto de Vitória da Conquista utilizam o recurso da repetição na interação discursiva, contribuindo, dessa forma, para a descrição do vernáculo conquistense, traça um diálogo entre o Funcionalismo e a Linguística Cognitiva, constatando que a repetição é um processo metonímico. Assim, esperamos que o presente estudo possa servir de subsídio para outros trabalhos acerca da repetição, sobretudo, se o enfoque for na modalidade oral, auxiliando na elaboração de hipóteses e no diálogo entres os resultados obtidos.

Ademais, visto que, neste estudo, são explicadas funções regulares de um dos recursos mais produtivos do texto falado e, que, no espaço escolar, de forma indiferente à língua em uso, esse mecanismo ou é apresentado como um recurso estilístico ou é sugerido que não seja utilizado, acreditamos e esperamos que a nossa pesquisa sobre repetição na oralidade possa fornecer material para o ensino de Língua Portuguesa.

REFERÊNCIAS

- CASTILHO, A. T. de. Repetição e constituição da sentença na língua falada. _____. **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 3ª reimpressão, 2014. p. 156-163.
- CASTRO, V. S. Um caso de repetição no português. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 27, p. 85-101, 1994.
- CUNHA, A. F. da. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2.ed., 3ª reimpressão, 2015, p.157-176.
- DUARTE, M. E. Termos da oração. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (Organizadoras). *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2.ed., 3ª reimpressão, 2014, p.185-201.
- DUBOIS, S.; VOTRE, S. *Análise modular e princípios subjacentes do funcionalismo linguístico: à procura da essência da linguagem*, 1994.
- FERRARI, L. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 13-106.
- GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdã: John Benjamins, 1995.
- GIVÓN, T. *Syntax: an introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001. v. 1.
- GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (org.). *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- HAIMAN, J. *The Iconicity of Grammar: Isomorphism and Motivation*. *Language*. v. 56, 1980, p. 515-540.
- HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JOHNSON, M. *The body in the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

JUBRAN, C. S. Tópico Discursivo. In: JUBRAN, Clélia Spinardi (Org.). *A construção do texto falado*. São Paulo: Contexto, 2015, p.85-126.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

_____; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

_____; TURNER, Mark. *More than cool reason: a field guide to poetic metaphor*. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.

MARCUSCHI, L. A. Repetição. IN: JUBRAN, C. S. (Org.). *A construção do texto falado*. São Paulo: Contexto. v. 1, 2015, p. 207-240

MARTELOTTA, M. E.; AREAS, E. K. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: MARTELOTTA, M. E.; OLIVEIRA, M. R. de; CUNHA, M. A. F. da. *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p.18-55.

NEVES, M. H. de M. *Gramática Funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *A gramática passada a limpo: conceitos, análises e parâmetros*. São Paulo: Parábola, 2012.

OLIVEIRA, M. R. de. *Repetição em diálogos: análise funcional da conversão*. Niterói. EDUFF, 1998.

RAMOS, J. *Hipóteses para uma taxonomia das repetições no estilo falado*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, 1983.

SANTOS, L.O. dos. *A repetição na oralidade: uma análise funcional no português culto de Vitória da Conquista*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, 2017.

WARREN. B. *Referential Metonymy*. Scripta Minora: Royal Society of Letters at Lund, Sweden (2006). ISBN 91-22-02148-5. p. 2-10.

*Recebido em agosto de 2019.
Aprovado em setembro de 2019.
Publicado em setembro de 2019.*

SOBRE OS AUTORES

Lorena Oliveira dos Santos é doutoranda em Língua e Cultura pela Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura da

Universidade Federal da Bahia (UFBA), mestra em Linguística (PPGLin) pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-2960-9237>

E-mail: loreoliveira@hotmail.com¹⁰

Valéria Viana Sousa é doutora em Letras (área de concentração em Linguística e Língua Portuguesa) pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Professora Titular da Área de Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, onde atua no curso de graduação de Letras, no Programa de Pós-graduação de Linguística (PPGLin) e no ProfLetras. É coordenadora do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e do Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – CNPq.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-8243-9281>

E-mail: valeriavianasousa@gmail.com